DESINFORMAÇÃO E HESITAÇÃO VACINAL: O IMPACTO DAS FAKE NEWS NA ADESÃO AO PNI EM UM MUNICÍPIO DE MINAS GERAIS

Leandro Emanuel Alves Bernardes[1]
Sarah Mendes de Oliveira Muraoka[2]

RESUMO

A queda progressiva das coberturas vacinais no Brasil tem evidenciado a influência crescente da desinformação e das fake news sobre a percepção pública das vacinas. Esse fenômeno, intensificado durante a pandemia de COVID-19, compromete a confiança da população nos imunizantes e ameaça o alcance das metas estabelecidas pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI). Este estudo teve como objetivo analisar o impacto da circulação de conteúdos falsos na hesitação vacinal no município de Paracatu (MG), investigando como informações incorretas, produzidas e difundidas principalmente pelas redes sociais, interferem na adesão às campanhas de imunização. A pesquisa adotou um delineamento exploratório-descritivo, com abordagem quali-quantitativa, sendo desenvolvida nas Unidades Básicas de Saúde do município. A coleta ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais de saúde, pais ou responsáveis por crianças em idade vacinal e adultos da comunidade, além da análise de dados secundários provenientes de bancos públicos, como DataSUS e registros do PNI. Os dados qualitativos foram examinados pela técnica de análise de conteúdo, enquanto os dados quantitativos foram organizados em séries históricas para identificar tendências e possíveis correlações entre períodos de maior circulação de fake news e redução da cobertura vacinal. Os resultados demonstram que o medo de efeitos adversos, a desconfiança nas instituições de saúde e a influência de boatos digitais constituem fatores centrais para a hesitação vacinal no município. O estudo destaca, portanto, a necessidade de estratégias eficazes de enfrentamento à desinformação, reforçando a educação em saúde e a comunicação baseada em evidências como pilares essenciais para restaurar a confiança da população nas vacinas.

Palavras-chave: *vacinação; fake News; Programa Nacional de Imunização; hesitação vacinal.*

ABSTRACT

The progressive decline in vaccination coverage rates in Brazil has highlighted the growing influence of misinformation and fake news on the public's perception of vaccines. This phenomenon, intensified during the COVID-19 pandemic, has weakened public confidence in immunization and threatens the goals established by the National Immunization Program (PNI). This study aimed to analyze the impact of misleading digital content on vaccine hesitancy in the municipality of Paracatu, Minas Gerais, investigating how false or distorted information—primarily disseminated through social media—affects adherence to vaccination campaigns. An exploratory-descriptive design with a qualitative and quantitative approach was adopted, and

[1] Leandro Emanuel Alves Bernardes - Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário Atenas.
[2] Sarah Mendes de Oliveira Muraoka - Professora orientadora do Cento Universitário Atenas.

the research was conducted in local Primary Health Care Units. Data collection involved semi-structured interviews with healthcare professionals, parents or guardians of children of vaccination age, and adult residents, in addition to the analysis of secondary data obtained from public databases such as DataSUS and PNI records. Qualitative data were examined using content analysis, while quantitative information was organized into historical series to identify trends and potential correlations between periods of intensified misinformation circulation and reduced vaccination coverage. The findings indicate that fear of adverse effects, distrust in health institutions, and the influence of rumors and digital narratives are key factors contributing to vaccine hesitancy in the municipality. Therefore, the study underscores the importance of implementing effective strategies to counter misinformation, emphasizing health education and evidence-based communication as essential tools for restoring public confidence in vaccines.
Keywords: *immunization; fake News; National Immunization Program; vaccine hesitancy.*

INTRODUÇÃO

A vacinação é uma das estratégias mais eficazes na promoção da saúde pública, responsável por reduzir significativamente a incidência de doenças infecciosas e evitar surtos epidêmicos. No entanto, o Brasil tem enfrentado uma preocupante queda nas taxas de cobertura vacinal, atribuída, em parte, à crescente disseminação de desinformação e fake news sobre vacinas nas redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas (BRASIL,2023). Esse fenômeno, intensificado durante a pandemia da COVID-19, comprometeu a confiança da população nos imunizantes e nos programas de imunização.

Estudos indicam que a propagação de informações falsas sobre vacinas tem impacto direto na hesitação vacinal. Uma revisão integrativa realizada por Silva et al. (2023) identificou que as fake news relacionadas à vacinação contra a COVID-19 influenciaram negativamente a adesão da população aos imunizantes, destacando a necessidade de estratégias eficazes de combate à desinformação. Além disso, a percepção enganosa de que certas doenças foram erradicadas e, portanto, a vacinação não seria mais necessária, contribui para a redução da cobertura vacinal (BRASIL, 2023).

A desinformação também se manifesta por meio de mitos e crenças infundadas sobre os efeitos adversos das vacinas. Por exemplo, a falsa associação entre a vacina tríplice viral e o autismo, amplamente difundida nas redes sociais, já foi desmentida por diversos estudos científicos, mas continua a influenciar negativamente a decisão de pais e responsáveis (BRASIL, 2023).

Diante desse cenário, torna-se essencial analisar o impacto da desinformação na hesitação vacinal e na adesão ao Programa Nacional de Imunizações (PNI), especialmente em contextos locais como o município de Paracatu (MG). Compreender como as fake news afetam a percepção da população sobre as vacinas permitirá o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento mais eficazes, baseadas em evidências científicas e adaptadas às realidades locais.

METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida por meio de um estudo exploratório-descritivo, combinando abordagens qualitativas e quantitativas para compreender o impacto da desinformação na hesitação vacinal no município de Paracatu (MG). A amostra foi composta por 140 participantes e o estudo foi desenvolvido nas Unidades Básicas de Saúde do município, envolvendo profissionais da atenção primária, pais ou responsáveis por crianças em idade vacinal e adultos da comunidade. A coleta de dados ocorreu entre maio e julho de 2025 e utilizou entrevistas semiestruturadas como principal instrumento, permitindo identificar percepções, dúvidas, experiências e fontes de informação relacionadas às vacinas e às fake news. Paralelamente, foram analisados dados secundários provenientes de bases oficiais, como DataSUS e registros do Programa Nacional de Imunizações, com o objetivo de observar a evolução das coberturas vacinais e possíveis associações com períodos de maior circulação de desinformação. Os participantes incluídos eram moradores de Paracatu há pelo menos dois anos, com idade mínima de 18 anos, além de profissionais que atuam diretamente nos serviços de vacinação; foram excluídos indivíduos que não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou que apresentassem limitações cognitivas relevantes. O estudo seguiu todas as normas éticas previstas na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo sigilo, voluntariedade e anonimato aos participantes, reconhecendo ainda riscos mínimos relacionados a possível desconforto emocional durante as entrevistas.

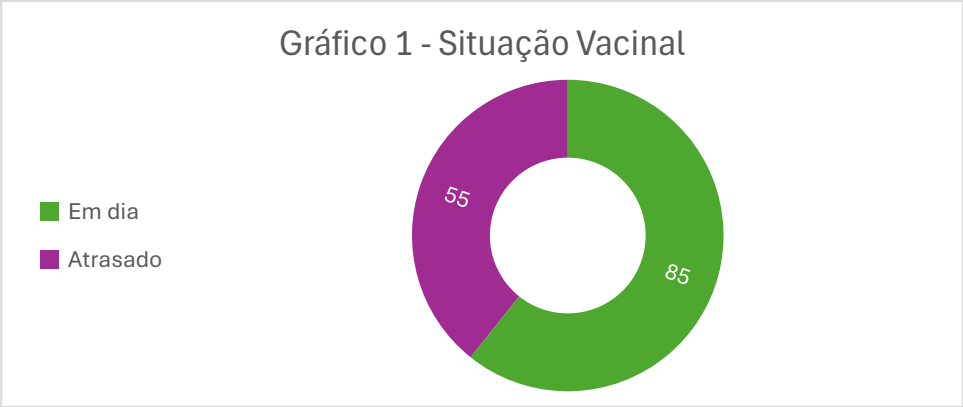
DESENVOLVIMENTO

O presente estudo foi desenvolvido com o propósito de compreender, em profundidade, como a desinformação e a circulação de fake news influenciam a hesitação vacinal da população de Paracatu (MG). A queda das coberturas vacinais no Brasil tem sido amplamente discutida nos últimos anos e está associada a fatores sociais, comportamentais e informacionais. O Ministério da Saúde reforça que “a queda das coberturas vacinais no Brasil é resultado de múltiplos fatores, incluindo barreiras de acesso, problemas logísticos e, principalmente, a disseminação de informações falsas sobre a segurança das vacinas” (BRASIL, 2023). Esses conteúdos falsos não surgem apenas de interpretações equivocadas, mas também de campanhas de desinformação que utilizam a dinâmica das redes sociais para produzir medo, insegurança e confusão entre a população.

A velocidade com que essas informações circulam cria um desafio adicional para as políticas de saúde pública. A Agência Brasil destaca que “a desinformação sobre vacinas se comporta como uma epidemia, espalhando-se rapidamente e impactando a confiança da população nos programas de imunização” (AGÊNCIA BRASIL, 2023). Nesse sentido, compreender como esse fenômeno se manifesta em Paracatu torna-se essencial para a construção de estratégias eficazes de enfrentamento.

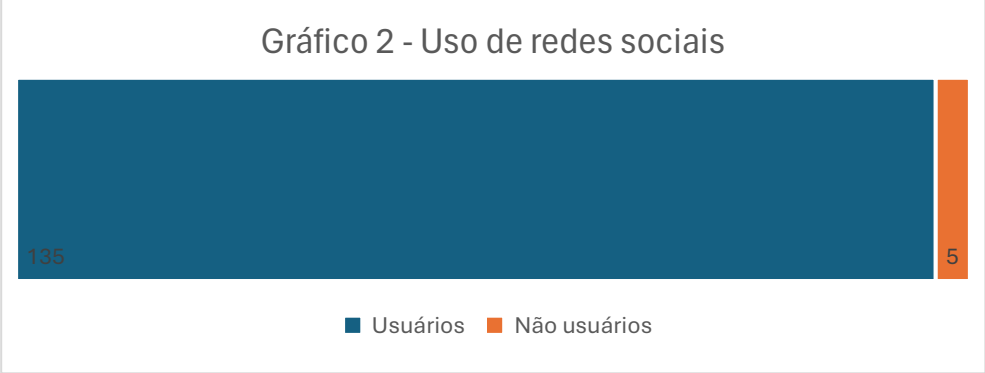
O trabalho foi realizado entre maio e julho de 2025 e envolveu 140 moradores da cidade, todos com 18 anos ou mais e residentes no município há pelo menos dois anos. A coleta de dados ocorreu por meio

de um questionário estruturado que investigava hábitos informacionais, situação vacinal, confiança em fontes de informação e experiências pessoais relacionadas às vacinas. Os participantes representavam uma diversidade ocupacional, incluindo 62 profissionais da área da saúde e 78 indivíduos de outras profissões. A presença de profissionais de saúde na amostra agrega um contraponto interessante, pois o contato frequente com práticas baseadas em evidências pode, teoricamente, reduzir a influência da desinformação.

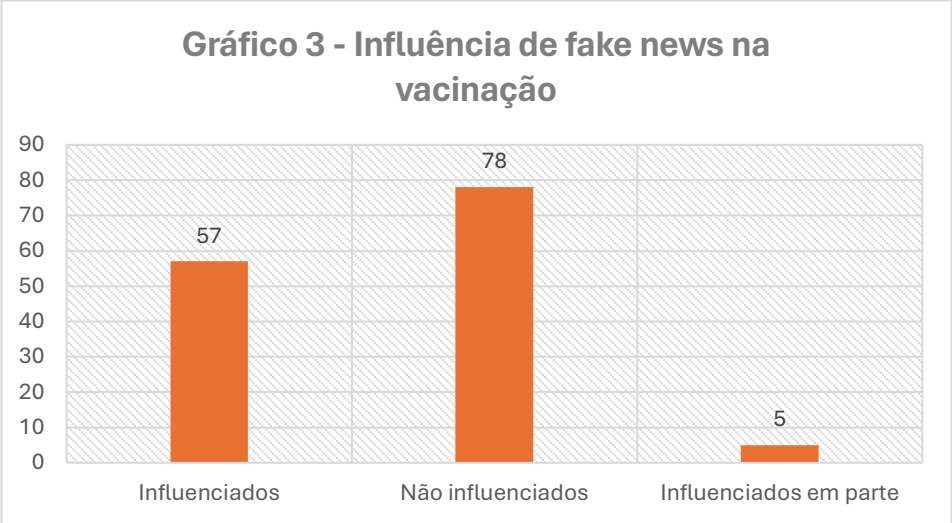


Fonte: Elaboração própria (2025)

Os dados revelaram que 85 participantes afirmavam estar com o esquema vacinal em dia, enquanto 55 admitiam pendências (gráfico 1). Entre os participantes que têm filhos, apenas 36 relataram que as crianças estavam com o calendário atualizado, o que indica que a hesitação vacinal não afeta apenas decisões individuais, mas também interfere no cuidado preventivo das famílias. Outro dado expressivo foi o relato de que 88 pessoas já deixaram de tomar alguma vacina por medo ou dúvida, o que ilustra a potência com que boatos e informações distorcidas podem interferir em decisões pessoais de saúde.



Fonte: Elaboração própria (2025)



Fonte: Elaboração própria (2025)

Essa relação torna-se ainda mais clara quando analisamos a presença das fake news no cotidiano dos participantes. Entre os 140 entrevistados, 135 afirmaram usar redes sociais regularmente e relataram já ter visto conteúdos falsos relacionados à vacinação (gráfico 2). Embora nem todos assumam ter sido diretamente influenciados, 57 reconhecem que modificaram sua percepção ou tomaram decisões vacinais sob efeito dessas informações, enquanto outros cinco afirmam ter sido parcialmente influenciados (gráfico 3). Esse cenário reflete o que o Ministério da Saúde já alertava ao afirmar que “muitas das informações que circulam nas redes sociais não têm fundamento científico e podem colocar a saúde da população em risco” (BRASIL, 2023).

O risco de retorno de doenças que já haviam sido controladas ou eliminadas no país também foi destacado em relatórios epidemiológicos recentes. No caso do sarampo, por exemplo, o documento oficial aponta que “o país enfrenta risco de reintrodução e circulação contínua do sarampo devido à queda das coberturas vacinais e às barreiras na vigilância epidemiológica” (BRASIL, 2024). O mesmo alerta aparece no relatório sobre rubéola, que afirma que “mesmo após a eliminação da rubéola, a redução da adesão ao calendário vacinal coloca em risco a manutenção do status de eliminação da doença” (BRASIL, 2024). Essas afirmações reforçam a urgência de compreender e enfrentar a hesitação vacinal em diferentes realidades, inclusive a nível municipal.

Quando os participantes foram convidados a avaliar suas fontes de confiança, observou-se um quadro que mistura potencial e fragilidade. Embora 73 afirmassem confiar plenamente nas vacinas oferecidas pelo SUS e 86 confiassem nos profissionais de saúde, um número significativo ainda concede credibilidade à internet e a familiares, mesmo reconhecendo que estes podem ser veículos de informações enganosas. Isso é coerente com o alerta feito pela Sociedade Brasileira de Pediatria, que reforça que as fake news

"disseminam temor entre as famílias", criando um ciclo de insegurança que afeta diretamente a cobertura vacinal infantil (SBP, 2023).

A percepção dos moradores de Paracatu sobre a própria cidade também chamou atenção: 112 participantes acreditam que há muita desinformação circulando localmente a respeito das vacinas. Essa percepção reforça o que já foi descrito por Ferreira (2020), ao afirmar que a desinformação cria uma "rede de risco que pode comprometer a saúde coletiva ao distorcer a compreensão social sobre a real importância da vacinação". Assim, o problema não é visto apenas como algo distante ou global, mas como um fenômeno presente no cotidiano do município.

Ao interpretar o conjunto dos resultados, observa-se que a hesitação vacinal em Paracatu emerge como um fenômeno dinâmico e multifacetado, atravessado pela instabilidade informacional, pelo medo e pela exposição constante a narrativas falsas. O comportamento vacinal não parece estar baseado em uma rejeição absoluta às vacinas, mas em um cenário de insegurança que se alimenta da circulação digital de boatos apresentados como fatos. Essa interpretação dialoga diretamente com análises nacionais que mostram que a hesitação vacinal, muitas vezes, "não nasce de convicções ideológicas, mas da insegurança gerada pela desinformação" (SILVA et al., 2023).

Assim, a análise sugere que, embora exista confiança nos profissionais de saúde e nas vacinas do SUS, essa confiança é insuficiente para neutralizar, sozinha, o impacto massivo das fake news. Isso torna evidente a necessidade de fortalecer estratégias de comunicação local, implementar ações educativas contínuas e integrar profissionais, agentes comunitários e meios digitais em uma abordagem conjunta de enfrentamento à desinformação. Como afirma a SBMFC, a hesitação vacinal é "um fenômeno complexo que exige ações intersetoriais para garantir que a população tenha acesso a informações claras, verdadeiras e baseadas em evidências" (SBMFC, 2024).

Dessa forma, o presente estudo revela que, em Paracatu-MG, a desinformação desempenha um papel significativo na formação de atitudes hesitantes em relação às vacinas. A compreensão dessa realidade abre caminho para a elaboração de intervenções locais mais eficazes, capazes de restabelecer a confiança da população e fortalecer a adesão ao Programa Nacional de Imunizações. Os resultados obtidos demonstram que, mesmo em cenários de ampla exposição a conteúdos falsos, ainda há espaço para reconstruir vínculos e promover decisões informadas, desde que as estratégias adotadas considerem o contexto real das pessoas, suas dúvidas, seus medos e as fontes que influenciam suas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos ao longo deste estudo permitem compreender com clareza que a hesitação vacinal no município de Paracatu-MG não é um fenômeno isolado, tampouco fruto apenas de escolhas individuais fundamentadas em opiniões pessoais. Trata-se de um processo influenciado diretamente pelo ambiente informacional contemporâneo, marcado pela rápida circulação de conteúdos falsos e pela ausência

de filtros que permitam ao público distinguir, com segurança, o que é evidência científica e o que é narrativa manipulada. A elevada proporção de participantes que relataram ter tido contato com fake news sobre vacinas, bem como o número expressivo dos que admitiram ter sido influenciados por essas informações, evidencia que a desinformação atua como um fator de risco concreto para a saúde coletiva, afetando desde decisões cotidianas de adultos até a manutenção do calendário vacinal infantil. Esse cenário é especialmente relevante em um momento em que doenças outrora controladas, como sarampo e rubéola, voltam a representar ameaça devido ao declínio das coberturas vacinais.

Apesar disso, o estudo também revela elementos que oferecem caminhos importantes para intervenções eficazes. A confiança ainda mantida pelos participantes nos profissionais de saúde e no Sistema Único de Saúde demonstra que a população reconhece nesses agentes uma fonte legítima e segura de informação. Essa confiança, quando adequadamente mobilizada, pode servir como força contrária ao impacto da desinformação, criando oportunidades para campanhas educativas mais assertivas, baseadas em diálogo humanizado e estratégias comunicacionais adaptadas à realidade local. A equipe da Estratégia Saúde da Família, por estar inserida no território e manter vínculos com a população, pode desempenhar papel central no processo de reconstrução da confiança e de enfrentamento da hesitação vacinal.

As considerações aqui apresentadas reforçam, portanto, a necessidade de que ações futuras ultrapassem a simples transmissão de informações técnicas ou a divulgação de calendários de vacinação. O desafio contemporâneo exige abordagens integradas que considerem aspectos emocionais, culturais e sociais que permeiam as decisões sobre vacinar, reconhecendo que a hesitação não nasce somente da falta de conhecimento, mas de um ambiente saturado por mensagens conflitantes. A construção de estratégias comunicacionais que ocupem os mesmos espaços onde as fake news se espalham como nas redes sociais, nos aplicativos de mensagens e nas mídias digitais, é essencial para neutralizar seu impacto e restabelecer um ecossistema informacional saudável.

Desse modo, as evidências produzidas por este estudo contribuem para ampliar a compreensão do papel da desinformação no comportamento vacinal e reforçam a urgência de políticas públicas que integrem tecnologia, comunicação e educação em saúde. A realidade observada no município de Paracatu-MG reflete tendências nacionais e internacionais, mas também evidencia particularidades locais que precisam ser consideradas na elaboração de intervenções futuras. A proteção da saúde coletiva depende, de forma direta, da capacidade de conter a disseminação de informações falsas e de fortalecer práticas de imunização baseadas em ciência, confiança e responsabilidade social. Permanece claro, portanto, que enfrentar a hesitação vacinal significa não apenas corrigir dúvidas individuais, mas reconstruir, de maneira contínua e participativa, a confiança pública no ato de vacinar; um compromisso que deve envolver profissionais, instituições, gestores e a própria comunidade.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. *Desinformação sobre vacinas se comporta como epidemia*. 27 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-09/desinformacao-sobre-vacinas-se-comporta-como-epidemia>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *As razões da queda na vacinação*. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/as-razoes-da-queda-na-vacinacao/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Oito mitos e verdades sobre a vacinação e sua importância para a saúde de todos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/oito-mitos-e-verdades-sobre-a-vacinacao-e-sua-importancia-para-a-saude-de-todos/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Situação epidemiológica da rubéola*. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/rubeola/situacao-epidemiologica>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Situação epidemiológica do sarampo*. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sarampo/situacao-epidemiologica>. Acesso em: 26 abr. 2025.

DRESCH, L. S. C. *et al.* Fake news e vacinas na era “pós-verdade”. *Tempus (Brasília)*, v. 14, n. 2, 2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/04/1426078/2610-texto-do-artigo-9948-1-10-20210407>.pdf. Acesso em: 26 abr. 2025.

FERREIRA, P. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em "As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho". *RECIIS*, v. 14, n. 2, p. 444-460, 2020. Disponível em: <https://fi-admin.bvsalud.org/document/view/537t7>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SILVA, L. F. *et al.* Das fake news à hesitação vacinal: desafios da imunização contra COVID-19 na saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 3, p. 739-748, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dVVfKrCWD7sPp8TNp8xcngN/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE (SBMFC). *Hesitação vacinal: indecisão sobre vacinas devido a possíveis reações implica nas proteções individual e coletiva*. 16 out. 2024. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/hesitacao-vacinal-indecisao-sobre-vacinas-devido-a-possiveis-reacoes-implica-nas-protecoes-individual-e-coletiva/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). *Fake news sobre vacinas disseminam temor entre as famílias, revela pesquisa realizada com pediatras brasileiros*. 18 maio 2023. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/fake-news-sobre-vacinas-disseminam-temor-entre-as-familias-revela-pesquisa-realizada-com-pediatras-brasileiros/>. Acesso em: 6 abr. 2025.